

CA
PÍ
TU
LO

1



O último lugar onde Maria Eduarda queria estar, em um sábado à tarde, era no quarto da sua tia.

Sábado não era dia de, junto com a mãe, mexer nas coisas da tia Iara, que se foi. Nenhum dia era.

Mas não havia como fugir do compromisso. Prometera aos pais que estaria em Petrópolis naquele fim de semana, para ajudar a separar tudo o que pertencera à sua tia favorita (ok, era a sua única tia, mas ela era tão legal, tão animada, tão presente, que Maria Eduarda sabia que, se tivesse outros tios, Iara ainda seria a sua favorita).

A garota subira a serra, vindo do Rio de Janeiro, onde morava e estudava, justamente para o difícil compromisso com os pais. A última vez que estivera em sua cidade natal foi para o velório e enterro de Iara, e prometera voltar dentro de três semanas para a dura tarefa.

E o que fazia aquele sábado se tornar ainda mais doloroso, era ter que ver a mãe separando e se desfazendo de tudo o que um dia pertencera à irmã. As duas eram tão unidas, e Maria Eduarda nem conseguia imaginar a dor que a mãe sentia, ao tirar e dobrar cada roupa do armário, e separar para doação. Em algum lugar, nos próximos meses, uma pessoa

estranha estaria usando algo que Iara comprara, para uma ocasião especial, sem saber o quão extraordinária fora aquela mulher.

Por esse motivo, prometera estar na cidade e ir junto, para apoiar a mãe no momento em que separaria as roupas, documentos, acessórios, tudo o que a tia juntara durante uma vida. Ela partira há quase um mês, e a mãe ainda estava criando coragem para mexer na casa em que as duas cresceram, em Petrópolis. Iara ficara com o lugar quando os pais faleceram, enquanto a família de Maria Eduarda morava em outra residência, três ruas depois.

— Veja o que tem aqui dentro, por favor — pediu a mãe, após abrir um armário e retirar uma caixa da parte de cima, entregando-a para a filha.

Sua mãe voltou a ficar de frente para o armário, separando algumas blusas.

— Parece um tablet — disse Maria Eduarda.

— Imagino que você vá querer ficar com ele, não?

— Quero sim! — respondeu a garota, enquanto tirava o aparelho da caixa. Era realmente um tablet, que Maria Eduarda tentou ligar, sem sucesso. — Está sem bateria, mas tem um carregador na caixa. Quando chegar em casa,

coloco para carregar, e vejo se encontro algum arquivo importante — comentou a garota, percebendo que ali não era o lugar e o momento para mexer no aparelho.

Ela poderia fazer isso mais tarde, quando estivesse sozinha em seu quarto.

Ao guardá-lo na caixa, Maria Eduarda viu um papel dentro, mas decidiu não mostrá-lo à mãe. Precisava, antes, ler com calma; não queria que a mãe começasse a chorar, caso fosse um bilhete de Iara. Era melhor ver, primeiro, o que estava escrito no papel para, depois, decidir se valia a pena mostrá-lo aos pais.

— Eu me lembro desse tablet, mas faz anos que não o via — disse a mãe, fechando o armário, após tirar as últimas peças de roupas dali. — Iara carregava isso para cima e para baixo, quando estava trabalhando em um projeto, alguns anos atrás. Estava tão animada, dizendo que tinha criado algo que ajudaria muito a vida das pessoas. Aí apareceu com esse tablet, falando sobre um programa de... Não me lembro o que era. — A mãe suspirou. — Queria me lembrar de tudo, mas ela costumava falar coisas que eu não entendia.

— Não tem problema, mãe. Tia Iara te amava, e nós a amávamos muito.

— Sim.

A mãe sorriu e Maria Eduarda guardou o tablet na caixa, em cima do papel, antes que a mãe o visse. Já estava emotiva demais.

Quando ia sair do quarto, escutou, ao longe, um barulho vindo da cozinha. Ela e sua mãe olharam na direção do corredor.

— Veja se o seu pai precisa de ajuda. Já estou terminando aqui, posso fazer o resto sozinha.

Maria Eduarda conseguia sentir a tristeza na voz da mãe. Pensou em abraçá-la, mas ela se virou e voltou a guardar as roupas em uma das várias caixas de papelão, espalhadas pelo quarto.

Ao sair do cômodo, foi até a sala e deixou a caixa do tablet em cima da mesa, junto de sua bolsa, e decidiu espiar o que havia no papel. Estava curiosa para ler o que estava escrito. Provavelmente, era só um papel de instrução para o que estava instalado naquele dispositivo, se é que havia algo nele. Sua tia amava criar coisas e deixar instruções escritas de próprio punho, como se ela fosse a maior criadora do universo. E Maria Eduarda crescera acreditando que era, sim.

Mas não eram instruções de funcionamento que Iara havia escrito. Pelo menos, não da forma que Maria Eduarda esperava.

Anotação 1: Projeto AMIX não deu certo. O que faço com ele? Não consigo destruir o que criei, mas também não consigo fazer com que funcione da forma correta.

Anotação 2: tentei novamente alterar os pesos matemáticos do Modelo, sem sucesso. O Mapeamento de Ativação do Modelo se mantém o mesmo.

Anotação 3: tentei aplicar filtros de segurança, mas as conexões da rede neural eram complexas demais para serem controladas. Não consigo corrigir, por mais que eu tente.

Anotação 4: Abelardo tentou acessar o Mapeamento de Ativação do Modelo, mas a rede neural já espalhou a falha por todo o sistema, tornando impossível consertar.

Anotação 5: levar para Abelardo e ver se ele destrói, já que eu não tenho coragem.

Maria Eduarda franziu a testa. Em seus dezoito anos de vida, nunca ouvira falar do tal Projeto AMIX.

Crescera habituada com as invenções de Iara, uma pessoa curiosa e à frente do seu tempo, como a mãe costumava brincar. A tia trabalhava no desenvolvimento de brinquedos eletrônicos, que entretinham Maria Eduarda desde que nascera.

E a garota amava quando Iara recebia o protótipo daqueles brinquedos diferentes, e a sobrinha era a primeira a testar. Maria Eduarda se sentia importante, porque fazia parte dos projetos da tia. E isso tornava aquela mulher ainda mais especial, porque criava coisas que viriam a ser sucesso no Brasil e no mundo, e consumidas por milhares de pessoas.

E, depois que Maria Eduarda crescera um pouco, vieram os joguinhos on-line: Iara desenvolvia vários, e a sobrinha era a primeira a testar todos, a dar a sua opinião, o seu aval. Era a cobaia de Iara, sua “garota-teste”, como a tia costumava chamá-la.

Então, por que não testara o que estava dentro daquele tablet?